

Hospital das Clínicas inova reabilitação facial

01 de maio de 2007

A terapia miofacial estimula o movimentos nos músculos da face para se tornarem novamente ativos

Emilio Sant'Anna



A fonoaudióloga Paula Nunes Toledo, do HC, associa a toxina botulínica para suavizar danos da paralisia

SÃO PAULO – As pessoas com paralisia facial têm uma nova chance de reabilitação dos movimentos do rosto. Uma técnica chamada terapia miofacial, desenvolvida na Divisão de Cirurgia Plástica e Queimaduras do Hospital das Clínicas (HC), em São Paulo, utilizada em conjunto com a aplicação de toxina botulínica, já reabilitou, até agora, cerca de 50 pacientes que conviviam há mais de dois anos com esse estigma

O Acidente Vascular Cerebral (AVC), traumas graves e tumores - como o câncer na glândula parótida - são algumas das principais causas da paralisia facial. Uma das cirurgias reparadoras mais utilizadas nesses casos enxerta um músculo e um nervo retirados da perna do próprio paciente para a reanimação dos movimentos faciais. O procedimento, no entanto, não garante que a funcionalidade dos músculos seja retomada.

A terapia miofacial, criada pela fonoaudióloga Paula Nunes Toledo, do HC, utiliza movimentos manuais nos músculos da face para estimulá-los a se tornarem novamente ativos. A técnica, que se assemelha com uma massagem, funciona como uma espécie de "aula" para que esse músculo aprenda sua nova função. "Ensino o músculo a fazer novamente os movimentos", diz a fonoaudióloga. O nervo enxertado também precisa dessa "orientação". Ele cresce cerca de um milímetro por dia, no entanto, se não for estimulado não assumirá a função de conduzir impulso elétrico ao músculo. O tratamento inicial dura quatro sessões, uma por semana. Depois passa a ser feito uma vez por mês. Durante essa fase, é aplicada a toxina botulínica para suavizar as conseqüências da paralisia. Quando um dos lados do rosto é afetado, o outro tende a assumir as funções da área paralisada para tentar compensar a falta de ação na área lesionada. O resultado entre esse desequilíbrio é a alteração da aparência do paciente. Boca torta, pálpebra caída e enrugamento da face são alguns exemplos. "A toxina botulínica, utilizada com a terapia miofacial, consegue acelerar a recuperação", diz cirurgiã plástica Alessandra Grassi Salles, do HC. O ideal, para uma boa recuperação, é que o tratamento seja iniciado o mais rápido possível e que deve ser multidisciplinar. "Não adianta fazer apenas a aplicação da toxina botulínica sem a reabilitação da

terapia miofacial", diz Alessandra. Os efeitos da paralisia facial podem causar problemas funcionais, como alteração da fala e da capacidade de fazer coisas aparentemente simples, como mastigar. O estigma, no entanto, é uma dos piores conseqüências. Durante quatro anos Marlene de Souza Nakamura, de 56 anos, não saiu de casa. Tinha vergonha de sua aparência, resultado de uma paralisia sofrida em 1995, que entortou seu rosto e afetou sua fala. Os médicos nunca conseguiram diagnosticar a causa. Casada e mãe de dois filhos, Marlene evitava até mesmo se olhar no espelho. "Tinha receio de comer na frente de outras pessoas e não passava nem mesmo um batom", afirma. Marlene foi uma das primeiras pacientes submetidas à técnica. "Fiz a cirurgia de enxerto de músculo e do nervo, mas melhorei mesmo depois do tratamento", diz. "Agora posso me olhar no espelho, pois me considero normal." O período de reclusão da babá Josefa Alves Costa de Carvalho, de 50 anos, foi menor, um ano. Mas, nem por isso, menos sofrido. Após uma operação para retirada de um tumor na parótida, em 1999, perdeu os movimentos do lado direito do rosto - de acordo com os especialistas, nesse tipo de procedimento é normal que isso aconteça. Junto com o problema veio a depressão. "Se sáísse, não comia na rua, pois achava que todo mundo estava me olhando." Para o cirurgião plástico Marcus Castro Ferreira, chefe da Divisão de Cirurgia Plástica e Queimados do Hospital das Clínicas, o serviço público deveria oferecer mais locais de tratamento multidisciplinar em cirurgia plástica. Ferreira afirma já ter enviado uma proposta de criação de centros de tratamento para a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. "Além da cirurgia plástica, esses pacientes precisam de acompanhamento", diz.

Fonte: www.estadao.com.br/revistafeminina/noticias/2007/mai/01/67.htm